

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/35qhvg45>

**COMENTÁRIO CRÍTICO SOBRE “CULTURA E
GLOBALIZAÇÃO-TRANSFORMAÇÕES DE VA-
LORES TRADICIONAIS NO VIETNÃ”
de Kien Pham**

Ginete Cavalcante Nunes (UERN- IFSertãoPE)¹

O ensaio de Kien Pham, *“Cultura e Globalização – Transformações de valores tradicionais no Vietnã”*, aborda de forma pertinente a tensão entre tradição e modernidade num país que, embora historicamente marcado por fortes raízes culturais, tem

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo IF Sertão PE- Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- IF Sertão PE. E-mail: ginetecavalcante@gmail.com

se inserido de forma entusiástica na dinâmica da globalização. A autora trata da globalização não apenas como um fenômeno econômico, mas sobretudo como um processo cultural que impacta diretamente os valores tradicionais vietnamitas.

Um ponto positivo do ensaio é o reconhecimento da ambivalência da globalização: por um lado, como um fenômeno que oferece novas oportunidades de desenvolvimento, mas por outro, como um agente de risco à preservação das identidades locais. A autora destaca que a globalização impõe importações culturais externas, que muitas vezes entram em conflito com valores endógenos (internos), criando desafios complexos para sociedades como a vietnamita. Outros autores que poderiam dialogar com os já citados, no ensaio e que tratam sobre Globalização Bauman (1999), Beck (1999), Giddens (2000), Hall (2000) e Santos (2002), entres outros.

A autora poderia ter enriquecido o ensaio com as contribuições dos autores, pois a globalização é um fenômeno multifacetado que transcende as fronteiras econômicas e políticas, moldando profundamente as dimensões culturais, sociais e identitárias das sociedades contemporâneas. De acordo com Anthony Giddens (2000), a globalização não é um

processo linear e homogêneo, mas sim um fenômeno que reconfigura as relações sociais e culturais, trazendo à tona tanto novas oportunidades quanto desafios. Ele argumenta que a globalização tem o potencial de "globalizar a modernidade", criando novas formas de comunicação e integração, mas também gerando desigualdades e fragilidades em algumas regiões do mundo.

Por outro lado, Ulrich Beck (1999) nos alerta para os perigos da globalização, especialmente no que se refere à "sociedade de risco". Segundo ele, a globalização, ao ampliar a interdependência mundial, intensifica os riscos globais (como crises econômicas e problemas ambientais) e torna as sociedades mais vulneráveis a essas ameaças. Beck destaca que, embora a globalização crie novas oportunidades, ela também exacerba as desigualdades sociais, uma vez que as vantagens desse processo não são distribuídas igualmente entre os países e dentro deles.

Ainda, para Zygmunt Bauman (1999), a globalização não é apenas um fenômeno econômico, mas uma transformação profunda das relações humanas, que tende a "destruir os vínculos locais" e a reduzir a importância do espaço e do tempo

nas interações sociais. Ele observa que, em um mundo globalizado, as pessoas estão cada vez mais desconectadas das suas comunidades e raízes culturais, vivenciando uma “modernidade líquida”, em que as certezas e os valores tradicionais são dissolvidos.

Por fim, a contraposição da visão de Stuart Hall (2000) sobre a globalização foca na transformação cultural. Para Hall, a globalização não implica apenas na imposição de valores ocidentais, mas também na apropriação e resistência das culturas locais, que reconfiguram as influências externas de acordo com suas necessidades e tradições. Ele defende que a globalização é um campo de disputas culturais, no qual as identidades não são absorvidas passivamente, mas são reinterpretadas e ressignificadas pelos indivíduos e comunidades.

Nesse sentido, a globalização, enquanto força unificadora e simultaneamente fragmentadora, provoca uma série de desafios, mas também abre espaços para novas formas de expressão e resistência cultural. O que vemos, como sugerem esses autores, é que a globalização não pode ser reduzida a uma imposição de um modelo único, mas deve ser compreendida

como um processo dinâmico de interação e adaptação, onde os locais e o global se encontram e se reconfiguram mutuamente.

Além disso, o texto levanta uma questão fundamental: a escala de valor entre o “antigo” e o “novo” não é rígida, mas entrelaçada. Essa perspectiva é importante para compreender que os valores tradicionais não são simplesmente substituídos pelos modernos, mas sim reformulados, adaptados ou até mesmo hibridizados no contato com outras culturas.

O trecho que afirma que *“a escala de valor entre o ‘antigo’ e o ‘novo’ não é rígida, mas entrelaçada”* revela uma compreensão sofisticada das dinâmicas culturais envolvidas na globalização. Essa perspectiva rompe com a visão simplista de que os valores tradicionais são automaticamente substituídos pelos modernos em contextos de integração global. Ao contrário, o autor propõe que esses valores entram em um processo de negociação, adaptação e até hibridização.

Essa abordagem é particularmente relevante porque reconhece a agência dos sujeitos culturais locais – ou seja, eles não são apenas receptores passivos da cultura

globalizada, mas também agentes ativos que reinterpretam e ressignificam os novos valores à luz de suas tradições. Isso permite compreender a globalização como um processo de múltiplas vias, e não como uma imposição unilateral da modernidade ocidental sobre os demais povos.

No entanto, o autor poderia ter aprofundado essa análise ao oferecer exemplos mais concretos de como ocorre essa hibridização no Vietnã. Por exemplo, como os jovens vietnamitas conciliam valores tradicionais familiares com influências ocidentais sobre individualismo? Ou como a cultura popular, como a música ou o cinema, reflete essa fusão entre o antigo e o novo?

Apesar dessa limitação, a reflexão sobre a fluidez entre tradição e modernidade é um dos pontos mais ricos do artigo, pois desafia visões deterministas e contribui para uma leitura mais complexa e realista das transformações culturais em tempos de globalização. É uma oportunidade rica discutir filosoficamente essas questões que afetam todo o mundo, e que ao mesmo tempo passam por processos de fragilidade por conta das grandes potências econômicas pensarem somente na manutenção de seu poder. Ou como a autora mesma enfatiza:

Re(senhas)

“Na globalização, os valores transnacionais tornam-se mais comuns, o que às vezes pode criar um conflito entre valores transnacionais e outros valores, especialmente quando indivíduos ou comunidades em um determinado país estão interessados apenas em seus interesses locais.” (Phan, 2025, p. 14).

No entanto, o ensaio poderia apresentar exemplos mais concretos dessas transformações culturais no Vietnã. A análise se mantém em um nível mais geral e teórico, o que dificulta a compreensão mais clara das mudanças específicas que estão ocorrendo, por exemplo, em áreas como a educação, religião, estrutura familiar, moda ou mídia. É claro que no campo filosófico isso também sairia da delimitação do objeto proposto.

Outro ponto que poderia ser mais explorado é o papel do Estado vietnamita nesse processo: como as políticas públicas estão mediando (ou não) o conflito entre tradição e modernização cultural? Há resistência institucional à globalização cultural ou ela é incentivada como parte do desenvolvimento nacional?

Podemos destacar que o ensaio de Kien Pham traz uma contribuição importante ao discutir os impactos da globalização sobre a cultura de um país em desenvolvimento como o Vietnã. Seu mérito está na abordagem crítica e equilibrada, que reconhece tanto os benefícios quanto os riscos desse processo. Ainda assim, a falta de dados empíricos e de exemplos específicos reduz o impacto analítico do texto. Uma abordagem mais aprofundada e contextualizada ajudaria a fortalecer as conclusões e tornaria a análise mais rica e relevante.

Um dos aspectos mais interessantes do texto é a ideia de que a relação entre o "antigo" e o "novo" não é rígida, mas entrelaçada. Esse ponto de vista rejeita a noção de substituição automática dos valores tradicionais por valores modernos, propondo, em vez disso, uma leitura mais complexa em que esses elementos coexistem, se reformulam e se misturam. Essa análise demonstra sensibilidade ao caráter dinâmico das culturas, que não desaparecem com a globalização, mas transformam-se através do contato com o outro.

A resignificação cultural mencionada no artigo evidencia a capacidade de resistência e reinvenção das tradições diante das pressões externas. O texto contribui

significativamente para os estudos sobre globalização cultural, ao destacar que os impactos globais não são uniformes, mas mediadores de processos locais complexos. Ao propor uma leitura crítica e equilibrada do fenômeno, o autor evita os extremos do discurso alarmista ou entusiasta da globalização, oferecendo uma análise madura sobre os dilemas vividos por sociedades em transição.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PHAM, Kien. Cultura e Globalização - Transformações dos Valores Tradicionais no Vietnã. *Re(senhas)*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e25001, 2025. DOI: [10.71263/n2tve530](https://doi.org/10.71263/n2tve530). Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/27>. Acesso em: 22 abr. 2025.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HANG, Trinh Thi. Construindo sistemas de valores nacionais, culturais, familiares e humanos nas regiões de minorias étnicas do Vietnã. *Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, v. 5, n. 1, p. e25014, 2025. DOI: 10.31416/cacto.v5i1.1464. Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/1464>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

Submetido em Abril de 2025

Aprovado em Abril de 2025